

Balanço ao ME após o 25 Abril de 74 |

Para compreendermos o impetuoso movimento progressista e revolucionário que se desencadeou pelas nossas escolas e por todas as escolas do País de pois do 25 de Abril, precisamos de remontar até ao tempo do fascismo e lembrar-mo-nos de 2 coisas.

A 1ª é a seguinte: a partir de 1969, com a greve geral da Universidade de Coimbra, o movimento estudantil ganhou um ímpeto enorme e atingiu proporções elevadíssimas: as greves aos exames sucederam-se em muitas faculdades do País, a GNR-PSP-PIDE precisaram de actuar cada vez mais abertamente nas escolas durante anos sucessivos houveram escolas superiores encerradas, um número crescente de estudantes recusou-se a participar no exército colonial-fascista e o movimento estudantil que até então estivera limitado às escolas superiores, ganhou novo alento, e estendeu-se aos Liceus e algumas escolas técnicas das 3 grandes cidades, Lisboa, Porto e Coimbra. A braços com a profunda crise do regime, os fascistas só tiveram uma hipótese: reformar algumas coisas, mantendo no essencial as estruturas fascistas para o ensino. Coube a Veiga Simão tão grande esforço que seria deitado para o caixote do lixo da história pelos estudantes. Pode-se concluir que o movimento estudantil constituiu uma importante componente do movimento popular anti-fascista.

A 2ª coisa a analisar é como é que esta situação se reflectia na Madeira. A inexistência de qualquer força anti-fascista organizada na nossa terra limitou de uma forma determinantr as possibilidades do movimento estudantil nas nossas escolas; podemos mesmo dizer que ele foi inexistente, ficando-se, sobretudo no Liceu, pela realização de actividades culturais que não punham em causa o regimen fascista e, pelo contrário, na maior parte das vezes, servia-lhe às mil maravilhas. Para além disto pode-se registar apenas a revolta individual ou de uma ou outra turma contra professores ou métodos utilizados por aqueles, mas que foram sempre inconsequentes e facilmente esmagados ou sanados.

É nesta situação que se chega a 25 de Abril de 74, e à semelhança do que se passava por toda a parte na sociedade portuguesa, as escolas entram num processo de luta quase sem parar contra tudo o que cheirasse a fascismo.

No liceu dá-se a tentativa de levantamento da Associação de Estudantes (AE) e na escola faz-se greve aos exames. São estas as duas primeiras batalhas de vulto travadas pelos estudantes. Qualquer uma delas seria inconsequente, e com o aproximar das férias de 74 dá-se uma paragem neste processo que entre tanto fornecera já uma série de estudantes que estarão ligados à UPM e serão os responsáveis pelo desenvolvimento e consolidação do Movimento Estudantil durante estes 2 anos.

Sem uma linha politica clara e minimamente compreendida, mas com uma indomável vontade de se afirmar na luta não já só contra o fascismo mas também contra o capitalismo e a escola capitalista, os estudantes atrás referidos vão fomentar toda uma série de movimentações importantíssimas.

No liceu ainda que em termos que não foram os mais correctos, levanta-se a AE logo no principio do ano lectivo, depois de ter sido ocupado o Seminário Menor para que as aulas iniciassem. Na escola "opta-se" pela luta anti-fascista sem qualquer coordenação. As energias anti-fascistas das massas estudantis permitiram que estas lutas fossem vitoriosas e é sobre estas primeiras vitórias que se vai montar e desencandear novas batalhas, integradas na luta estudantil a nível nacional.

O papel da AE do Liceu não foi, apesar de ter condições para tal, o mais correcto, acabando por tornar-se num órgão quase partidário, absolutamente desligado das amplas massas estudantis, que nunca organizou nem 1 só estudante, tudo isto para além de não ter cumprido, minimamente, o seu programa. A gravidade desta prática terá reflexos muito graves no desenvolvimento do movimento associativo e levará ao descrédito quer à AE enquanto órgão dos estudantes e re-duzirá muito a influência dos estudantes progressistas.

Vai começar a registar-se então um certo declínio nas energias dos estudantes, conseguindo-se contudo estar em greve por duas vezes no Liceu e por uma vez na Escola. Apesar de tudo, desencadeia-se no Liceu um processo de saneamento que tendo à frente turmas mais combativas e esclarecidas é capaz de le-

var por diante algumas vitórias, sem contudo conseguir mobilizar as amplas massas estudantis para a luta geral anti-fascista. E já com o movimento estudantil a entrar em refluxo chega-se ao final do ano lectivo 74/75.

Em 76, quer na escola quer no Liceu, as forças progressistas que até então tinham aproveitado o movimento espontâneo das massas estudantis para desencadear as lutas, encontram uma situação que lhes é desfavorável; no Liceu, todos os reaccionários, tendo à cabeça os fascistas, passam a liderar os estudantes; o seu objectivo é destruir o movimento associativo por dentro, o que acabrão por conseguir ao ganharem por maioria mais que absoluta as eleições para a Direcção da AE; na Escola embora não se possa falar propriamente de reaccionários e fascistas com influência a nível do movimento estudantil, este acabará por ser limitado pela Gestão fascista que entretanto fora eleita e já no fim do ano pelo director nomeado.

Só com esta situação é que as forças progressistas vão compreender, ou por outra, começar a compreender, os erros cometidos e tentar corrigi-los. As primeiras ideias que surgem claras são a necessidade de unir os estudantes e a necessidade de ter uma linha que servisse de guia para a actuação. É por isto que aparecem os NSE (Núcleos Sindicais Estudantis), que, por motivos diversos, acabarão por não unir todos os estudantes que no Liceu lutassem contra a CCA fascista e na Escola lutassem pelo levantamento da AE, mas, isso sim, por serem pequenos grupos de simpatizantes da ex-UPM e ainda da UDP. No Liceu, e compreendendo de uma forma mais aguda a necessidade de unir todos os estudantes, os NSE extinguir-se-ão para darem lugar a Núcleos de Simpatizantes da UEDP e a uma frente de luta anti-fascista e anti-separatista, na qual participariam diversas forças, nomeadamente JS, MES, UEC e estudantes sem partido, para além da UEDP, força principal dessa frente.

Durante estes 2 anos muitos erros foram cometidos, apesar de se terem alcançado algumas vitórias importantes. Mas nós, estudantes progressistas, aprendemos com os erros cometidos, analisando-os e evitando cometê-los novamente.

Dos erros cometidos há que salientar que a AE foi bastante grave: na Escola desprezou-se a sua necessidade e no Liceu não compreendeu qual o seu papel. É por isto que a quase totalidade dos estudantes em luta nestes 2 anos não foram minimamente unidos e organizados. Outro erro cometido foi a desligação das amplas massas estudantis, que foram utilizadas (manipuladas) muitas vezes, sem serem devidamente esclarecidas e depois então mobilizadas para a luta, o que permitiu o progressivo isolamento dos estudantes progressistas em relação às amplas massas estudantis. Por fim, outro erro cometido foi não saber-se sempre definir qual era o inimigo a atacar, caindo no ataque a tudo e todos, quer na Escola quer no Liceu, o que trouxe consequências más. Este erro limitou sobretudo a hipótese de alianças com outras forças anti-fascistas, contribuindo assim para manter a divisão à esquerda, enquanto a direita se unia e organizava cada vez mais.

2 anos após o 25 de Abril, muitos dos erros cometidos foram compreendidos e pode-se dizer que a UEDP ganha uma experiência de luta rica em ensinamentos quer pelas derrotas quer pelas vitórias alcançadas durante todo este tempo. Agora é nosso dever ter a consciência da necessidade da correção destes erros para caminharmos seguros para novos êxitos!

VIVA A UDP!

VIVA A UEDP!

EM FRENTE NA CORRECÇÃO DOS ERROS! VENCEREMOS!

Funchal, 14 de Julho de 1976